

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEXTO CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA

As considerações serão pontuadas de acordo com o que considere importante desenvolver no texto de Edgar Morin. Minha atenção chamou, quando ele fala sobre a multidimensionalidade do pensamento complexo que comporta um princípio de incerteza e incompletude, portanto surgiria como dificuldade e não como clareza de resposta. Aqui se expressa de forma notável a diligência de Morin sobre a natureza da complexidade e da imprevisibilidade de seu alcance, diferentemente do alcance positivista que se dá através da incidência do valor de verdade na busca de uma exatidão que comporte a clareza e distinção de seus resultados. E a grande questão que ele coloca recai sobre a possibilidade de uma resposta a este desafio.

Ora, seria possível ampliarmos e clarificarmos a epistemologia da Complexidade, analisando e investigando sua problematicidade pela ordem do *certum* e não do *verum*? Uma vez que o *certum* é de natureza indeterminada e incerta e se guia não pela exatidão, mas pela verossimilhança; como compatibilizar esta ordem do *certum* na Complexidade, se sua órbita de confluência se dá entre às ciências naturais e exatas? No entanto, a Complexidade envolve necessariamente a ação do homem e enquanto tal há, nesta correlação, um devir histórico e, enquanto história é possível se deslocar o método que dê conta desta configuração? Não um método propriamente positivista como busca incessantemente Morin, a fim de fundamentar cientificamente a Teoria da Complexidade, mas um método que desse conta desta zona cinzenta, isto é, desta incerteza, portanto, daquilo que é verossímil, mas não exato.

Morin, afirma que o acaso e a desordem nascem no universo das ciências físicas como na irrupção do calor (agitação, colisão e dispersão dos átomos e moléculas), com a irrupção da indeterminação microfísica e na explosão originária e dispersão do cosmos. Temos aqui a Física como paradigma de comparação, reforçando a necessidade de um reflexo da ciência natural como elemento de garantia da acertividade argumentativa e fundamentada. Não seria, pois, o acaso resultante de uma convergência e emergência de elementos incognoscíveis que interagissem neste processo de complexidade incerto e indeterminado? Portanto, não poderia ser uma equação matematizante que buscasse resposta, digamos, adequadas e definidas para tais eventos, e sim uma equação que desse conta deste incerto e indeterminado?

Verificamos que as prováveis respostas, dramaticamente colocadas por Morin, são extraídas das descobertas científicas ou ainda das indecisões da ciência, quando a própria Complexidade é admitida como transgressão das ciências naturais, naquilo que

implica a sua universalidade; desse modo, faz referência à singularidade biológica, à organização físico-química, às descobertas de Hubble sobre a dispersão das galáxias, bem como dos raios isotropos, cujo paralelo significativo em relação ao próprio homem, uma vez que tal raio 'que vem de todos os horizontes do universo trouxeram a ressurreição de um cosmos singular, que teria uma história singular, na qual surgiria nossa própria história singular'; como estabelecer este paralelismo e chegar a esta conclusão, parece-nos demasiadamente arriscado.

Quanto à ideia de 'localidade' a partir da física einsteiniana, cuja peculiaridade é exatamente a sua particularidade a partir de uma universalidade; particularidade porque só é possível suas medidas serem feitas num certo lugar e são relativas à própria situação em que são feitas, assim devemos conjugar o universal e o particular. Ora, isso seria possível? Creio que sim, pensemos um pouco na eidética platônica, cujos mundos inteligível e sensível são necessariamente interdependentes, pensemos também na metafísica aristotélica, cuja experiência singular, se universaliza em uma substância. De algum modo, no entanto, a necessidade de uniformizar o discurso científico e dar-lhe um estatuto rígido, desconsiderou esta zona cinzenta do conhecimento, a qual é indefinida e incerta, seccionando desta maneira a sua teorização, bem como subtraindo de sua abrangência tudo aquilo que a constatação não pode alcançar, tornando de algum modo a Complexidade cada vez mais uma complicação. Mas, ainda assim, percebemos que as questões levantadas por Morin, permanecem nos parâmetros do racionalismo, trazendo à tona os limites que determinadas teorias científicas apresentam, como o Paradoxo de Niels Bohr: 'as interações que mantêm vivo o organismo de um cachorro são as impossíveis de ser estudadas *in vivo*. Para estudá-las corretamente, seria preciso matar o cão'. Como se observará no segundo e terceiro capítulos, esta mitigação teórica e experimental científica, na tentativa de fortalecer e fundamentar a Teoria da Complexidade, são colocadas frequentemente.

Tentando manter-se na ordem do verossimilhante, Morin depara-se com uma dificuldade lógica, diga-se, lógica racional e não poética, o que traz a meu ver maiores dificuldades para o seu empreendimento, posto que nos fala de uma lógica *unitas multiplex*, ao comentar sobre o Todo e as suas Partes, uma vez que 'o todo organizado é alguma coisa a mais do que a soma das partes, porque faz surgir qualidades que não existiriam nessa organização; essas qualidades são 'emergentes', ou seja, podem ser constatadas empiricamente, sem ser dedutíveis logicamente'; bastante significativa a inferência de Morin, ao comprovar que a lógica, diga-se, racional, não dá conta desta esfera cinzenta, incerta, indeterminada e verossimilhante. Mas o que me parece mais paradoxal é, o fato dele buscar incessantemente nesta lógica, o fundamento da Complexidade; não seria o momento de desviarmos o olhar, ou pelo menos tentar e verificar que através de uma lógica poética fôssemos capazes, de quem sabe, chegarmos a resultados mais claros, coerentes e convencidos?

Observamos, aqui, portanto, uma dinamicidade múltipla e diversa, peculiar ao movimento espiralar, que permitiria nesta diversidade, organizações díspares em culturas completamente diferentes, uma vez que organizações complexas e simultaneamente acêntricas, funcionando de forma anárquica e espontânea, bem como, policêntricas, dispendo ao mesmo tempo de um centro de decisão, demonstram que não caberia um movimento linear, mas espiralar, que embora circular, não encerraria um círculo.

Tal movimento, muito propício à história, no dizer de Vico, move-se como *corsi e ricorsi*, isto é, como uma ida e vinda constante, o que permitiria, portanto, esta diversidade e multiplicidade dos elementos, entre eles, o das ocorrências históricas, como bem observamos em relação aos povos e civilizações, algumas tribais como as silvícolas em estágio primigênio os Pirahãs por ex., outros já aculturados como os Kaiapós, mas que mantém algumas de suas tradições, que estão presente no mesmo espaço e tempo, de civilizações altamente industrializadas e de tecnologia altamente avançada. Esta dimensão histórica demonstra a complexidade dos fatores que ocorrem no espaço-tempo do devir, corroborando o princípio Hologramático vinculado à organização recursiva.

Obviamente que esta lógica *unitas multiplex*, foge ao logicismo cartesiano que até hoje impera, havendo desse modo uma ruptura com esta lógica, já que não é possível no contexto da Complexidade, a clareza e a distinção das ideias como sinal de verdade.

Percebemos aqui, que esta confusão conceitual se apresenta como a grande dificuldade de se apreender com melhor clareza o Sistema da Complexidade. Pois, o que constatamos decisivamente, é a garantia de correção argumentativa dos sistemas complexos a partir da sua comparação com teorias e experimentos empíricos que se regem pela lógica positivista, numa constante busca de fundamentação. Essa via empiricista e positivista, de certo modo, não desviaria uma visada mais clara da problematidade que envolve os Sistemas Complexos?

A preocupação de Morin é acertiva e justa, quando a partir do conceito de Autonomia declara: 'o conceito de autonomia só pode ser concebido a partir de uma teoria dos sistemas ao mesmo tempo aberta e fechada', ou seja, múltipla e diversa, cujo contexto se daria no meio ambiente, cuja complexidade seria, sem dúvida, as convergências e divergências, na ordem e desordem, cuja interatividade, formaria nesta complexidade, a sua Reciprocidade.

Quanto a volta do observador na sua observação, faço uma pequena reparação à referência, talvez inadequada formulada por Morin ao citar o antropólogo Lévy-Bruhl, quando fala sobre os povos primigênicos imersos no pensamento mítico e mágico e de algum modo, o critica a partir de Wittgenstein, positivista lógico, fisicalista ou ainda atomista lógico.

Percebe-se o dilema de Morin, ainda de certo modo frágil na sua tentativa de uma episteme fundamentada dos Sistemas Complexos, uma vez que a concepção mítica, ainda vista com restrição e preconceito, enquanto pensamento fantástico, cujo apoio está na fantasia como conhecimento primordial do homem, é estritamente poético, inventivo e criativo, que permitiu na era dos *bestiones*, homens de pensamento animalesco e que agiam e reagiam mediante instintos, propiciaria a agucidade da invenção como lógica especificamente poética, produzindo assim sua auto-organização, não como resultado de uma lógica racional, posto que débil e incipiente.

Deste modo, recorre-se a uma lógica Dialógica que comporta o racionalismo e o empirismo, diria eu, o racionalismo e a fantasia, complementando-se e antagonizando-se 'entre a imaginação que faz as hipóteses e a verificação que as seleciona, ou seja, a ciência se fundamenta na dialógica entre imaginação e verificação, empirismo e realismo'.

Por fim, fechamos este ciclo em plena comunhão com a posição de que 'um dos aspectos da crise do nosso século é o estado de barbárie das nossas ideias', ainda vinculados à nossa barbárie primigênia, com a sofisticação peculiar à '*Bória del douti*', isto é, ao imperativo cartesiano que ainda mantém a sua supremacia nas ciências e no conhecimento.

Prof. Sergio Nunes

Setembro de 2014